

## **SOBRE A NATUREZA DAS CRENÇAS NA EPISTEMOLOGIA: UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR**

IVANA COSTA DOS SANTOS; JULIANO DOS SANTOS CARMO

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– [ivanamartins74@gmail.com](mailto:ivanamartins74@gmail.com) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [juliano.ufpel@gmail.com](mailto:juliano.ufpel@gmail.com) 2

### **1. INTRODUÇÃO**

O texto aborda a natureza das crenças na epistemologia, defendendo uma leitura multidisciplinar que vai além da definição canônica de conhecimento como crença verdadeira justificada. Propõe que nem todas as crenças são conscientes ou proposicionais, incorporando dimensões neuropsíquicas e de memória. A hipótese central é que a definição de crença deve considerar tanto processos normativos de formação quanto nuances patológicas, com níveis variados de consciência e enrijecimento frente a mudanças. O objetivo é entender como as crenças adquirem confiabilidade e normatizam comportamentos, avaliando teses representacionistas e disposicionalistas e a viabilidade de integrar insights neurocientíficos, sem abandonar o normativismo.

### **2. METODOLOGIA**

Pesquisa qualitativa com análise conceitual, revisão bibliográfica e avaliação crítica entre filosofia, neurociência e ciências cognitivas.

### **3-RESULTADO E DISCUSSÃO**

A crença é multifacetada, variando entre representacionismo, disposicionalismo, eliminativismo e primitivismo. A confiabilidade dos processos formadores de crenças (confiabilismo) é crucial, especialmente para crenças mnêmicas, mas tem limites em cenários como o Mundo Manipulado, exigindo integração de virtude, aptidão e contexto. A abordagem disposicional, especialmente pela visão de Ryle, evita reduzir crenças a estados mentais inacessíveis.

Neurociência revela que muitas crenças são formadas por processos automáticos, com crenças empíricas/relacionais sendo menos pressas à revisão do que as conceituais. As crenças “dobradiças” (hinges) atuam como pilares que estruturam outras crenças e ações, influenciando condutas sociais. A pesquisa conclui que nem todas as crenças são candidatas ao conhecimento proposicional; muitas operam de forma implícita, exigindo novas categorias epistêmicas. A filosofia e a neurociência mostram-se mutuamente enriquecidas, apoiando uma epistemologia pluralista que combina memória, processos neurais e contexto social.

#### **4- CONCLUSÕES**

A definição canônica de conhecimento persiste como referência útil, mas não esgota o tema. Uma epistemologia pluralista reconhece crenças empíricas, relacionais e conceituais com diferentes níveis de consciência e justificabilidade, requerendo modelos que integrem memória e contexto social. O confiabilismo permanece relevante quando articulado com uma visão diacrônica da formação de crenças; a virtude intelectual deve considerar ambiente e condições de aquisição, não apenas aptidão/justificação. Defende-se uma síntese entre representacionismo e disposicionalismo, aceitando que crenças emergem da interação entre estruturas neurais, memória, linguagem e contexto social. O conceito de crenças dobradiça ajuda a entender como pilares sustentam o arcabouço teórico e prático, sujeitos a revisão frente a novas evidências. A integração entre filosofia, neurociência e ciências cognitivas é essencial para uma epistemologia flexível e rigorosa, com avaliações empíricas contínuas sobre a natureza das crenças e suas implicações sociais, políticas e educacionais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Annalisa Coliva, Danièle Moyal-Sharrock . Introdução: Epistemologia da Dobradiça, (2016) . . , ( ), –. doi:10.1163/22105700–00603001
- B. Williams, “Internal and External Reasons”, in R. Harrison (ed.), *Rational Action*, Cambridge University Press, Cambridge, 1979, pp. 101–113.
- CARMO, J.S. Some Remarks on Beliefs and Normativity, *L'ircocervo, Itália*, nº 21, 2022, Volume II, pp.250-265
- D. Dall’Agnol, “Proposições Fulcrais: as observações de Wittgenstein sobre seguir regras e a semântica transcendental”, in *Kant e-prints*, 2006, vol.1, pp. 1–17
- D. Moyal-Sharrock, “A Certeza Fulcral de Wittgenstein”, in *Dissertatio*, 2015, Volume Suplementar, pp. 3–30.
- GETTIER, Edmund. “Is Justified True Belief Knowledge?”. *Analysis*, 23, n. 6, 1963, pp 121-123. Reimpresso em MOSER, Paul. *Empirical Knowledge – Readings in Contemporary Epistemology*. Lanhan: Rowman & Littlefield. 2 ed., 1996
- GOLDMAN, Alvin, “A Causal Theory of Knowing”. *The Journal of Philosophy*, 64, 12, 1967, p. 355-372.
- Greco, John. Epistemologia de dobradiça e as perspectivas para uma teoria unificada do conhecimento. *Síntese*, 2019, –. doi:10.1007/s11229–019–02225–6
- I. Ajzen, “The Theory of Planned Behaviour: Reactions and Reflections”, in *Psychology & Health*, 2011, vol. 26(9), pp.1113–1127.
- I. Ajzen, “The Theory of Planned Behavior”, in *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 1991, vol. 50(2), pp. 179–211.
- KLEIN, Peter David. *Certainty: A Refutation of Scepticism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2 ed. 1984.
- LH Marques Segundo, JS Carmo. *Textos selecionados de Epistemologia*. Pelotas: NEPFIL, 2021.
- L. Wittgenstein, *On Certainty* (eds. Anscombe and von Wright), Harper Torchbooks, New York and London, 1969.
- LUZ, Alexandre Meyer . *Conhecimento e justificação: problemas de epistemologia contemporânea*. 1. ed. Pelotas: NEPFil online, 2013. v. 1. 278p . LUZ .
- PLATÃO Teeteto. Belém, Editora UFPA, 2001

- Pritchard, Duncan. Epistemologia de dobradiça wittgensteiniana e desacordo profundo. *Topoi*, 2018, –. doi:10.1007/s11245–018–9612-y
- P. Thagard, “Cognitive science”, in: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2008
- R. Seitz, A. Kolman, B. Kraft-Kornwinkel, S. Robbers, “Physiotherapy and Occupational Therapy in Acute Neurology”, in *Neurology International Open*, 2018, vol. 2, E108–117.
- RYLE, Gilbert. *Expressões sistematicamente enganadoras*. In: *Os Pensadores*. SP:Abril Cultural, 1980.
- STEUP, M.; SOSA, E. *Contemporary Debates in Epistemology*. Oxford: Blackwell, 2005.